

O EMPREENDEDORISMO SUSTENTÁVEL E A TEORIA DA ECOLOGIA ORGANIZACIONAL: O AMBIENTE SELECIONA OS MAIS ADAPTADOS?

Maralysa Correia de Souza Cavalcanti¹

Florence Heber²

Resumo: A exploração intensa de recursos ocasionou danos aos ecossistemas e, com a crise ambiental, os fundamentos da política, da sociedade e da economia trazem à tona o paradigma do desenvolvimento empresarial sustentável. A abordagem desta tendência, juntamente com a teoria da ecologia organizacional, propõe uma analogia com as características da seleção natural de Darwin e da convergência do mercado para as práticas sócio e ambientalmente responsáveis, concentrando o foco das estratégias nas populações, enfatizando a complexidade e a turbulência dos mercados, e verificando as condições para o equilíbrio das dimensões da sustentabilidade no ambiente organizacional. Este ensaio teórico trata o empreendedorismo sustentável sob as bases da Teoria da Ecologia Populacional, de Hannan e Freeman (1977).

Palavras-chave: Empreendedorismo sustentável; Teoria da ecologia populacional Meio ambiente Organização.

SUSTAINABLE ENTREPRENEURSHIP AND THE ORGANIZATIONAL ECOLOGY THEORY: DOES THE ENVIRONMENT SELECT THE MOST SUITABLE?

Abstract: The intense exploitation of resources caused damage to ecosystems and, with the environmental crisis, the fundamentals of politics, society and the economy bring out the paradigm of sustainable business development. The approach of this trend along with the theory of organizational ecology proposes an analogy with the characteristics of the natural selection of Darwin and market convergence for social and environmentally responsible practices, concentrating the focus of the strategies on populations, emphasizing the complexity and turbulence of markets and verifying the conditions for the balance of the dimensions of sustainability in the organizational environment. This theoretical essay deals with the sustainable entrepreneurship under the foundations of the Theory of Population Ecology, by Hannan and Freeman (1977).

Keywords: Sustainable entrepreneurship; Organizational Ecology Theory; Environment; Organization.

Introdução

Um dos desafios do novo século na área do empreendedorismo é a sobrevivência das organizações perante as exigências do ambiente. Desde a Idade Média, recursos são explorados em busca do lucro e

¹ Mestre em Administração e graduada em Administração pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Endereço: Cidade Universitária Prof. Jose Aloisio de Campos Jardim Rosa Elze - São Cristovão (SE). E-mail: maralysas@yahoo.com.br

² Doutora em Administração pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), professora e pesquisadora no Programa de Pós Graduação em Administração da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

com a origem do capitalismo o homem gerou a necessidade de produzir riqueza e esta necessidade elevou-se a partir do crescimento das comunidades. O previsto aumento populacional, proferido por Malthus, exigiu mais competidores e a exploração massiva de recursos no intento da vantagem competitiva.

O crescimento e desenvolvimento das populações ocasionaram um elevado consumo de insumos naturais acarretando impactos negativos ao meio ambiente. O que se pode notar é que, na atualidade, a problemática de crescer competitivamente gerando menor impacto no ambiente é uma realidade cada vez mais constante no meio empresarial.

O raciocínio da abordagem ecológica amplia o foco de ação, desconsiderando organizações individuais e ressaltando a perspectiva das populações, caracterizadas e definidas por Baum (1998) como um conjunto de organizações engajadas em atividades similares de utilização de recursos, que desenvolvem relações com outras populações engajadas em atividades distintas, formando comunidades organizacionais.

Alicerçando-se na Teoria da Ecologia Organizacional (TEO) de Hannan e Freeman (1977), este artigo busca estabelecer a relação entre esta teoria e o empreendedorismo sustentável. Para a TEO, o ambiente seleciona as organizações que se adaptam melhor às características ambientais (NOHRIA; GULATI, 1994) e às exigências do mercado. De modo geral, estas exigências sinalizam para que as empresas continuem gerando riquezas, atendam necessidades de bens e serviços dos indivíduos e contribuam para o bem-estar ambiental e social das comunidades em que estão inseridas.

Sendo assim, este ensaio teórico define-se como proposta de apresentar uma nova forma de abordar o empreendedorismo sustentável - através da discussão de conceitos e categorias de análise da teoria desenvolvida por Hannan e Freeman (1977) faz-se uma associação da TEO com o tema do empreendedorismo sustentável, verificando pontos de interseção, possibilidades de utilização dos pressupostos e conceitos e suas aplicações. Nesta perspectiva, cabe adiantar, a força e o empenho reflexivo concentra-se nas florestas (grupos de organizações) e não nas árvores (organizações individuais) (ESTY; WINSTON, 2008).

Optou-se, nesse trabalho, pela abordagem ensaística. Esta opção de abordagem relaciona-se à característica intrínseca do objetivo da discussão empreendida neste texto, tendo em vista que o ensaio proporciona análises e elucubrações sobre o objeto eleito e “a forma ensaística é a forma como são incubados novos conhecimentos, até mesmo científicos ou pré-científicos” (MENEGHETTI, 2011, p. 323). Nesse sentido, não é requerida comprovação empírica no ensaio, sendo mais um tipo de “reflexão permanente, em que a centralidade da sua força está menos na evidência empírica e mais nos atributos da razão que pensa a realidade” (MENEGHETTI, 2011, p. 326).

Para realizar a análise referida anteriormente, este ensaio desdobrar-se-á inicialmente apresentando os conceitos e características do empreendedorismo sustentável seguidos da abordagem da Teoria da Ecologia Organizacional e de colocações acerca das influências ambientais nas práticas empreendedoras sustentáveis das empresas, encerrando-se com as considerações finais.

2. O Empreendedorismo Sustentável

O empreendedorismo sustentável agrega dois conceitos, o empreendedorismo e a sustentabilidade;

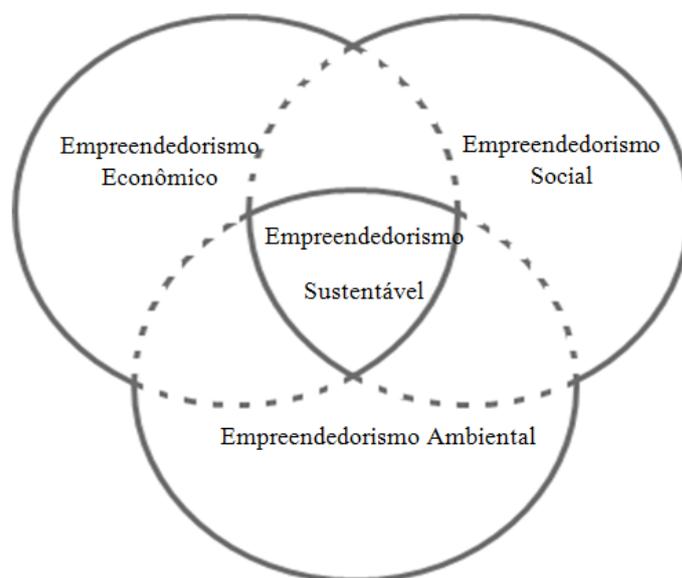
primeiramente porque as organizações são geradoras de valor para o empresário (GARTNER, 1985) e agentes de transformação social, em especial para o crescimento econômico (SCHUMPETER, 1982). Segundo, a sustentabilidade reflete a utilização dos recursos de maneira racional, de modo a atender as necessidades da geração atual, sem impedir que as gerações futuras também tenham as suas necessidades atendidas (World Commission on Environment and Development [WCED], 1987).

Por sua vez, o desenvolvimento sustentável permeia as questões inerentes à necessidade de encontrar o equilíbrio entre as ações humanas e a preservação do ambiente (CAMARGO, 2003; DIEGUES, 1996; LEFF, 2001). Diante desta ótica, o empreendedorismo sustentável alia a geração de valor, unindo as noções clássicas do empreendedorismo (DALMORO, 2009) às práticas sociais e ambientais (ISAAK, 2002; PARRISH, 2009; SCHLANGE, 2007). Já Cohen e Winn (2007) referem-se ao empreendedorismo sustentável como um complemento a definição de empreendedorismo de Venkataraman (1997), afirmando que é o campo de estudo que busca entender como oportunidades de desenvolver futuros bens e serviços são descobertas, criadas e exploradas, por quem e com quais consequências econômicas, sociais e ambientais (COHEN; WINN, 2007).

O estudo do empreendedorismo sustentável intensificou-se nos últimos cinco anos (BOSZCZOWSKI; TEIXEIRA, 2009) sendo alicerçado sobre um tripé ou *triple bottom line* (BORGES; BORGES; FERREIRA; NAJBERJ; TETE, 2011; DALMORO, 2009; DIXON; CLIFFORD, 2007; YOUNG; TILLEY, 2006), constituído pelas dimensões econômica, social e ambiental e daí surgiram termos como *ecovantagem* (ESTY; WINSTON, 2008), *ecopreneurship* (DIXON; CLIFFORD, 2007; SHAPER, 2002) e *ecopreneur* (HOLT, 2011), que impulsionaram o empreendedor a ser economicamente viável, socialmente justo e ambientalmente correto. Masurel (2006) ainda complementa acrescentando que as práticas de empreendedorismo sustentável levam a empresa a fazer escolhas equilibradas entre o lucro, as pessoas e o planeta e tal raciocínio é definido pelo autor como *triple P: Profit, People, Planet*.

Para compreender este constructo, a figura a seguir demonstra a relação entre as dimensões que compõem o tripé da sustentabilidade e sua relação com o empreendedorismo.

Figura 1- O Empreendedorismo Sustentável



Fonte: Adaptado de Schlange (2007).

Observando a figura 1, pode-se notar que o empreendedorismo sustentável é a intersecção dos conceitos de empreendedorismo econômico, social e ambiental. Schlange (2007) pontua que as empresas que investem em empreendedorismo sustentável combinam oportunidades e intenções de mercado para simultaneamente criar valor dentro dessas três perspectivas. Desta forma, é oportuno descrever cada uma dessas dimensões/perspectivas associando-as ao conceito do empreendedorismo sustentável:

- Dimensão econômica: esta dimensão volta-se para a possibilidade de alocar e gerir recursos de forma mais eficiente, regulando o fluxo de investimentos tanto público quanto privado (SACHS, 1993). Para o empreendedorismo tal perspectiva traduz-se na melhor gestão dos recursos para alcançar vantagem competitiva e, sob a ótica do empreendedorismo sustentável, significa a busca de oportunidades, eficiência de mercado e resultados positivos sem agredir o meio ambiente.
- Dimensão social: para os ecologistas, a dimensão social representa a consolidação dos processos de desenvolvimento e crescimento orientados pela visão do que é uma “boa” sociedade (SACHS, 1993). Os empreendedores sociais têm o foco na busca de soluções para problemas sociais e necessidades da comunidade (MELO; FROES, 2002) e à luz do empreendedorismo social, discute-se a Responsabilidade Social Empresarial (RSE) representada pela integração das preocupações sociais e ambientais nas operações dos negócios e nas suas interações com os *stakeholders* e bases voluntárias (COMMUNITIES, 2001). O empreendedorismo sustentável alinha-se com os conceitos de RSE e sustenta-se por meio da preocupação com o padrão ético de comportamento de uma relação socialmente responsável da empresa através do desenvolvimento de ações que possam contribuir para a melhoria de vida na sociedade (ASHLEY; COUTINHO; TOMEI, 2000; MOREIRA, 2002).
- Dimensão ambiental: o cerne desta dimensão gira em torno da intensificação do uso dos recursos potenciais dos vários ecossistemas, com um mínimo de dano a eles, para propósitos socialmente válidos, limitando o consumo de combustíveis fósseis e de outros produtos facilmente esgotáveis ou ambientalmente prejudiciais (SACHS, 1993). Low e MacMillan (1988) ressaltavam a capacidade de sobrevivência das organizações às exigências do ambiente, focando as características do meio onde estavam inseridas e assumindo a perspectiva de adaptação estratégica. O empreendedorismo sustentável dá ênfase a três focos de atuação para os empreendedores: o econômico, o social e o ambiental (TILLEY; YOUNG, 2006) e evidencia o equilíbrio destes no intuito de gerar vantagem competitiva.

O quadro a seguir apresenta a concepção de cada uma destas dimensões sob os conceitos da sustentabilidade, do empreendedorismo e do empreendedorismo sustentável.

Figura 2- Comparativo das Dimensões da Sustentabilidade

Dimensões	Sustentabilidade	Empreendedorismo	Empreendedorismo sustentável
Econômica	Gestão eficiente de recursos (SACHS, 1993)	Gestão dos recursos para alcançar vantagem competitiva (LOW; MACMILLAN, 1988)	Gestão dos recursos e busca de oportunidades aliando vantagem competitiva e preservação do meio natural (SHARPER, 2002)
Social	Alcance de um patamar razoável de homogeneidade social; distribuição justa de renda e igualdade no acesso aos recursos e serviços sociais (SANTOS, 2005)	Iniciativas sem fins lucrativos em busca de estratégias alternativas de financiamento ou de mecanismos de gestão e de criação de valor social (MAIR; MARTÍ, 2006). Visa a resgatar pessoas da situação de risco social e a promovê-las, e a gerar capital social, inclusão e emancipação social (MELO NETO; FROES, 2002).	Práticas de responsabilidade social empresarial, ou seja, as preocupações com o meio ambiente e as comunidades onde as organizações estão inseridas e a divulgação de valores que aproximam o empreendimento das pessoas ao redor, resultando na percepção, pelo público externo, do papel como agente de desenvolvimento social (ETHOS, 2011).
Ambiental	Utilizar os recursos do ecossistema, para propósitos socialmente válidos, limitando o consumo de combustíveis fósseis, reciclando, reduzindo o volume de poluição, investindo em pesquisa de tecnologias limpas e assegurando o cumprimento de regras para a proteção ambiental. (SACHS, 1993)	A <i>performance</i> de uma organização é resultado da interação desta com o ambiente interno e externo (HOUBEN; LENIE; VANHOOF, 1999). As ferramentas mais utilizadas para mensurar o ambiente e suas variações é a análise macro ambiental- considerando política e governo, tecnologia, sócio-demografia, economia e ecologia-, a análise SWOT e o modelo das cinco forças de Porter.	A adoção das práticas de negócios ambientalmente responsáveis mantém as organizações no mercado e/ou abrem um leque de oportunidades empresariais (SHARPER, 2002).

Fonte: Elaborado pelos autores (2012).

Diante disso, torna-se evidente que o empreendedorismo sustentável é a aglutinação dos propósitos das dimensões da sustentabilidade e do empreendedorismo. Parrish (2009) afirma que o empreendedorismo detém a capacidade de contribuir para o alcance dos objetivos organizacionais, das políticas públicas e do avanço de tecnologias, porém, seu foco de ação ampliou-se e surgiu a necessidade de sua contribuição para com o ambiente e a sociedade.

A preocupação com os impactos causados pelas atividades de empresas no ambiente ganhou espaço no ano de 1991, a partir da divulgação pela ICC (*International Chamber of Commerce*) da “Carta Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável” e do lançamento do documento “Mudando o Rumo: Uma

Perspectiva Empresarial Global sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente” pelo BCDS (*Business Council on Sustainable Development*), nos quais foram estabelecidos princípios a serem assumidos pelas empresas no intuito da preservação do ambiente.

Para tanto, autores como Dixon e Clifford (2007), Hart e Milstein (1999) consideram a necessidade global da divulgação de ações de sustentabilidade empresarial como pontapé inicial para a “destruição criativa” (SCHUMPETER, 1982). Este novo ponto de vista evoca um alerta para as organizações de que mudanças irão ocorrer e novas oportunidades de mercado surgirão, pois conforme Menezes (2003), as empresas que não estiverem aptas às novas solicitações do mercado morrerão, ao passo de que àquelas que estiverem adequadas às mudanças serão promovidas à vida.

Perante a inúmera gama de estratégias possíveis para permanecer no mercado e alcançar vantagem competitiva, as práticas de gestão que priorizarem a preservação ambiental e os benefícios sociais tendem a serem as mais eficazes, visto que para promover os seus interesses os empreendedores podem alinhar seletivamente as suas ações com as mudanças do mercado na expectativa de um equilíbrio apropriado (DIMAGGIO, 1983).

Percebeu-se que, atualmente, o papel dos empresários está voltado para aumentar os retornos econômicos e o bem-estar da sociedade (DIXON; CLIFFORD, 2007; SCHLANGE, 2007; TILLEY; YOUNG, 2006) e a busca pelo equilíbrio das dimensões do empreendedorismo sustentável gerou a necessidade de incorporar, no pensamento administrativo e na formulação das estratégias das organizações, conceitos multidisciplinares relacionados com a ecologia, adotando-se também valores não-monetários como parâmetros de mensuração da sustentabilidade (FENKER; FERREIRA, 2011).

Dado o exposto, apesar de ser um campo de estudo recente (BOSZCZOWSKI; TEIXEIRA, 2009) e de ainda não ter parâmetros completamente definidos pela literatura (DALMORO, 2009) a junção de dois conceitos consolidados na academia – empreendedorismo e sustentabilidade - fez emergir o empreendedorismo sustentável como novo campo de pesquisa focando a homeostase entre a organização e o mercado e abrangendo o retorno econômico (lucro e criação de valor), o retorno ambiental (redução de consumo, redução de poluição) e o retorno social (acesso igualitário aos benefícios), simultaneamente.

3. A Teoria da Ecologia Organizacional

Michael T. Hannan e John Freeman foram os percussores no estudo da relação organização x meio ambiente. Por meio da publicação *The Population Ecology of Organizations* colocaram como questão central a pergunta: “por que existem tantos tipos de organizações?” e, sustentados na premissa da seleção natural de Darwin, teceram argumentos e explicações sobre como as condições econômicas, políticas e sociais afetam a relativa abundância e diversidade de organizações tentando justificar sua composição mutante ao longo do tempo (BAUM, 1998). Baseada na lógica da seleção natural da evolução biológica, essa abordagem pressupõe que a sobrevivência diferenciada das firmas é explicada a partir da relação firma x ambiente (BATAGLIA; MEIRELLES, 2008).

A transposição dos conceitos da ecologia biológica para o campo empresarial (FISCHMANN; ZACARELLI; LEME, 1980) proporcionou analisar o ambiente das organizações como seu *habitat* natural

e este ambiente seleciona tipos de organizações que se adaptam às características ambientais (NOHRIA & GULATI, 1994).

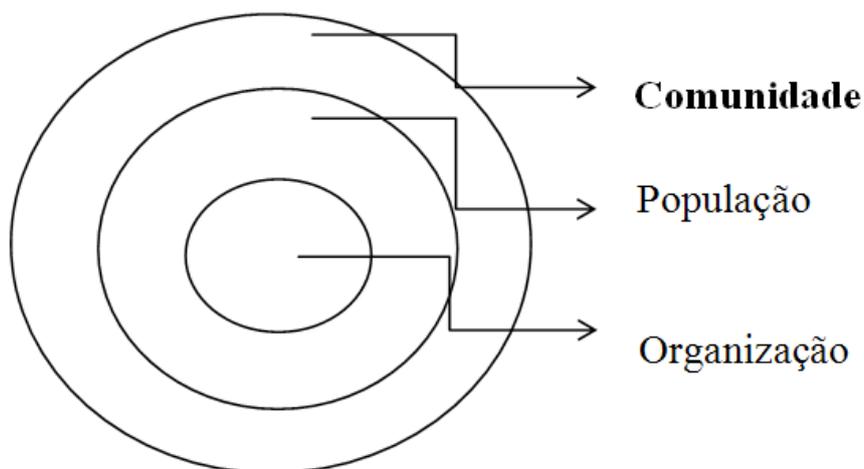
De acordo com os autores Hannan e Freeman (1977) as organizações nascem e morrem em função de sua capacidade de adaptação ao ambiente no qual atuam, e, como os recursos disponíveis são limitados e o crescimento das populações é ilimitado, surge a competitividade. Diante disso, pesquisadores buscam explicações para os casos de sucesso e fracasso, criação e morte dessas populações organizacionais.

Para avançar nesta discussão é oportuno esclarecer os conceitos de organização, população e comunidade conforme referencia Baum (1998).

- Organização: conjunto de pessoas desenvolvendo atividades para alcançar objetivos planejados;
- População: organizações engajadas em atividades e padrões similares de utilização de recursos;
- Comunidade: populações que desenvolvem relações simbióticas (BRITAIN; WHOLEY, 1988) com outras populações engajadas em atividades distintas.

A relação desses conceitos pode ser demonstrada através da figura a seguir:

Figura 3- Da Organização à Comunidade



Fonte: Elaborado pelos autores (2012).

Portanto, Hannan e Freeman (1977) propuseram que a discussão sobre a ecologia das organizações considerasse as populações e não as organizações singulares e que a mudança atua sobre as populações através de processos como variação, seleção, retenção (CALDAS; FACHIN, 2005; CUNHA, 1993) e competição (ALDRICH, 1999; CAMPBELL, 1965; MCKELVEY, 1982). As variações estão ligadas diretamente às mudanças, intencionais ou não, podendo incorrer em benefícios ou prejuízos para as organizações. Quando os dirigentes das empresas percebem uma variação positiva, selecionam-na em consonância com os seus *stakeholders*. Desta percepção ocorre o *benchmarking*, todavia, quando essas variações de sucesso não são conhecidas torna-se mais difícil escolher e implementar a que mais adequa-se a organização.

À medida que a variação de sucesso é percebida, ela é selecionada pela organização e retida em seus processos, sendo inevitável que mais de uma organização possua a mesma variação e desenvolva semelhança em seus processos, o que certamente gerará competição (ALDRICH, 1999; PFEFFER, 1993).

A teoria ecológica sustenta que os indivíduos/organizações isoladas não podem sempre ou com frequência perceber se as variações serão bem sucedidas ou quais estratégias podem adotar para acompanhar as mudanças em ambientes incertos e instáveis (BAUM, 1998) e esta característica é responsável pelo surgimento e desaparecimento de organizações.

A criação e a morte de organizações são tratadas por Baum (1998) como fundação e fracasso organizacionais amparadas nas causas contextuais ou ambientais – social, política e econômica – e as suas variações determinam a sobrevivência das empresas no nicho em que estão inseridas.

A pesquisa ecológica sobre fundação e fracasso enfatiza três temas (BAUM, 1998) os processos demográficos, ecológicos e ambientais que serão melhores fundamentados a seguir:

- **Processos demográficos:** os processos demográficos focam-se na afirmação de que os processos de fundação ocorrem a nível populacional e os processos de fracasso a nível organizacional e populacional e cada organização e população possui características específicas.

Para compreender o deslindar deste processo, a análise demográfica desenvolve-se investigando o efeito da idade e do tamanho sobre o fracasso (BAUM, 1998).

A explicação de Hannan e Freeman (1977) sobre idade e tamanho pode ser entendida através de uma relação de proporção: quanto menor e mais nova a organização, maior a incidência de fracassos. Isso porque organizações mais jovens e menores são mais vulneráveis, enfrentam falta de influência e apoio e ainda não constituíram relações estáveis com os seus *stakeholders* (BAUM, 1998). Esta característica pode ser associada à proposição da sobrevivência das pequenas empresas. Segundo dados do SEBRAE (2011), 27% das pequenas empresas não sobrevivem aos primeiros dois anos de atividade. Devido à capacidade financeira, apoio do governo e resistência às turbulências ambientais, as grandes empresas apresentam maior tendência para permanecerem no mercado. De modo análogo, Hannan e Freeman (1977, 1989), Carrol e Hannan (1989), Carrol e Wade (1991) sustentam que as taxas de fracasso declinam quanto maior a idade e o tamanho das organizações, tendo em vista que o aumento da idade implica que as organizações conseguiram recursos suficientes para continuar sobrevivendo e quanto maior o tamanho maior a proteção perante o mercado.

- **Processos ecológicos:** nos processos ecológicos, as fundações e fracassos dependem das 1) extensões de nicho – organizações especialistas e generalistas – e argumenta que em ambientes com poucas variações ou mais refinados, as organizações especialistas dominam as generalistas; 2) da dinâmica da população e dependência de densidade – quando maiores taxas de fundação maior sinalização de que há um nicho fértil (BAUM, 1998), fator de incentivo para novas fundações, porém, conforme as fundações aumentam, aumenta a densidade, resultando na elevação do consumo e motivando a competição pelos recursos, o que desencoraja novas fundações e estimula fracassos e mortes prematuras de organizações; 3) da interdependência da comunidade – a interação das populações origina as comunidades de organizações e populações mais competitivas e a consequência é a elevação das taxas de fracasso e redução nas taxas de fundação.
- **Processos ambientais:** de acordo com Baum (1998) as mudanças institucionais e os avanços tecnológicos modelam as formas organizacionais apropriadas ao ambiente. Esses processos assemelham-se às análises do macroambiente e consideram a turbulência política, as regulamenta-

ções governamentais e a inovação tecnológica fatores condicionantes dos processos ecológicos (SINGH, 1993; TUCKER; MEINHARD, 1988) e que são capazes de influenciar profundamente as organizações.

É neste construto que se percebe a ênfase dada à seleção em oposição à adaptação, por meio do qual Hannan e Freeman (1977) defendem que são os processos seletivos que regem a vida das organizações (ROBALO, 1992) e que o processo adaptativo não seria possível devido a inércia estrutural que, conforme advogam os percussores da TEO, as organizações são estruturas inertes e não se adaptam ao ambiente.

Por intermédio da Teoria da Inércia Estrutural, as mudanças nas organizações são consideradas isoladas e não repercutem no nível populacional. Os autores ainda salientam que a inércia focaliza os arranjos da estrutura interna e as restrições ambientais que podem ser traduzidas a seguir:

Aspectos internos:

- Investimentos fixos como *layout*, equipamentos e especialização de funcionários não são facilmente transferidos para outras tarefas ou funções;
- Limitações das informações recebidas pelos líderes a respeito da organização e das contingências ambientais;
- Restrições políticas internas que dificultam os processos de mudança;
- Restrições pertencentes à própria política da organização.
- Aspectos externos:
- Barreiras legais e fiscais de entrada e saída de mercado são numerosas;
- Custos de aquisição de informações em ambientes turbulentos;
- Legitimação externa;
- Problema da racionalidade coletiva, pois uma boa estratégia para uma organização pode não se concretizar se todas as organizações do nicho aplicarem a mesma estratégia.

A presença destes aspectos, isoladamente ou não, e os seus resultados, comprovam a inércia das organizações e, em consequência, a adaptação destas ao ambiente é improvável.

Hatch (1997) afirma que uma das características desta abordagem é que as ações partem do ambiente e que os dirigentes não conseguem controlar as mudanças impostas às empresas. Donaldson (1995) ainda reforça afirmando que na TEO o ambiente externo é proativo e a racionalidade organizacional dilui-se na racionalidade populacional (CUNHA, 1999).

É adequado, então, ressaltar a questão do isomorfismo que, segundo a proposição de DiMaggio e Powell (1991), é o processo em que uma organização tende a assemelhar-se a outras organizações que enfrentam o mesmo conjunto de condições ambientais. Hannan e Freeman (1977) ainda enfatizam que o isomorfismo força as empresas enfrentarem restrições ambientais semelhantes e por essa razão adotam características similares. Assim, empresas diferentes do mesmo campo organizacional tendem a homogeneizar suas práticas e estruturas, num processo isomórfico de resposta às solicitações ambientais, na busca

por legitimação (DINIZ, 2003).

Para homogeneizar suas práticas, as empresas enfrentam mudanças, porém sob o olhar dos ecólogos organizacionais, como as organizações são relativamente inertes, as mudanças são difíceis, pouco frequentes, perigosas e suscitam o fracasso em curto prazo, ou seja, as organizações podem fracassar devido às inúmeras tentativas de sobrevivência para responder as mudanças do ambiente (BAUM, 1998).

Diante do exposto, cabe ressaltar que a TEO parafraseou os conceitos da ecologia biológica, consagrados e presentes na ciência há anos, de modo que as definições sobre ecologia organizacional já nascem em vida adulta (FISCHMANN; ZACARELLI; LEME, 1980) proporcionando melhor entendimento dada a possibilidade de associação.

Importante, também, é frisar que ainda está muito distante das organizações alcançarem a perfeição dos organismos biológicos, entretanto Hannan e Freeman (1977) visualizaram, além da sua época, as influências que o ambiente pode exercer perante as empresas.

4. Empreendedorismo Sustentável e Teoria da Ecologia Organizacional: os Efeitos do Ambiente sobre as Organizações

Os estudos de Hannan e Freeman (1977) desdobram-se prioritariamente sobre a capacidade das organizações analisarem as mudanças ambientais e, a partir de padrões de seleção e competição, desenvolverem-se e esboçarem suas configurações no decorrer do tempo, no intuito de permanecer no mercado.

Os ditos autores traçam uma metáfora biológica em relação às organizações e ao ambiente em que estão engajadas, propondo na área empresarial teorias da biologia e da ecologia para enfatizar a importância dos padrões evolutivos das organizações, do nascimento e morte das empresas e da seleção ao invés da seleção.

Posto isso, é fundamental traçar um paralelo entre a TEO e o empreendedorismo sustentável partindo do pressuposto de que o crescimento econômico do país, relacionado com o aumento da produção de bens de consumo (FENKER; FERREIRA, 2011), gera resíduos que impactam negativamente no ambiente refletindo em uma nova tendência de mercado: as empresas verdes (ESTY; WINSTON, 2008; SAVITZ, 2007), o ecoempreendedorismo (DIXON; CLIFFORD, 2007; SHARPER, 2002), o *green entrepreneurship* (WALLEY; TAYLOR, 2003) e tantos outros termos que se traduzem em ações de empreendedores com motivações ambientais e sociais.

A abordagem de empresa verde gira em torno da premissa de que o sucesso não depende exclusivamente dos seus produtos/serviços, das suas estratégias e da eficiência da sua produção, mas também da relação homem x natureza.

A apreensão com o clima e com os efeitos das indústrias sobre a atmosfera deixou de ser preocupação exclusiva de ambientalistas e passou a fazer parte da agenda de empresários e, na medida em que cresce a consciência ambiental, aumenta também a demanda por produtos que não agridam o meio natural, fazendo surgir e fracassar negócios.

O marketing verde é utilizado por muitas organizações como estratégia para permanecerem no mer-

cado devido à perspectiva global de incremento de consumidores verdes (BAKER, 2003). Empresas de todos os portes estão sujeitas a esta “onda verde” e conforme Parrish (2009) há duas razões para isso: a primeira é continuar tendo lucro, contribuindo para o desenvolvimento sustentável e para o equilíbrio do *triple bottom line*, ou seja, os empresários praticam ações de sustentabilidade quando estas lhes proporcionam retornos financeiros; a segunda, é que há empresas que já nascem com o propósito de contribuir para a melhoria e o bem-estar social, estas, sob a ótica da ecologia organizacional, apresentarão menos problemas em relação às variações ambientais, tendo em vista que surgem no ambiente já adaptadas.

O empreendedorismo verde é uma área crescente e esta onda não é passageira, na qual oportunidades irão surgir em grande escala, por muito tempo (CALLEGARI, 2010). Isso pode ser corroborado através do estudo de Schultz-Pereira e Guimarães, (2009, p. 2), no qual os autores afirmaram que:

muitas empresas não tiveram outra alternativa a não ser buscar uma política de gestão ambiental, uma vez que as práticas ambientais começaram a ser valorizadas e posteriormente passaram a ser vistas como diferencial competitivo entre as organizações que desejavam permanecer no mercado.

Portanto, depreende-se que as organizações estão inseridas em um ambiente em constante mutação e intensa competição, influenciadas por fatores internos e externos que podem ser decisivos no sucesso e fracasso das mesmas.

É neste ponto que se fundamenta esta análise, tendo em vista que o mercado atual volta suas expectativas para organizações preocupadas com os resultados de suas práticas no ambiente, sendo, portanto, interessante ressaltar que a BM&F BOVESPA (2011), em seus relatórios, salienta que há alguns anos iniciou-se uma tendência mundial de investimentos em empresas responsáveis socialmente. A crença é de que elas sejam mais lucrativas em longo prazo, principalmente porque respondem à necessidade de mudanças com relação às suas práticas sociais e ambientais (BOSZCZOWSKI; TEIXEIRA, 2009).

As mudanças, nos estudos da ecologia organizacional, impactam nas organizações visto que estas podem responder as mudanças do ambiente por relutância, incapacidade de mudar ou por fracassar na realização de esforços de mudança (BAUM, 1998).

Dentro desse aspecto, observa-se a existência de mais um elo entre a TEO e o empreendedorismo sustentável ao considerar que em um processo de mudança as empresas menos adaptadas morrerão enquanto as mais adaptadas permanecerão no mercado. Esta afirmativa reflete uma situação real, em que as organizações que poluem e não estão preocupadas com o meio social e natural tendem a fracassar em longo prazo, dando lugar àquelas que preenchem o mesmo nicho de mercado sem degradar o ambiente.

Caldas e Cunha (2005, p. 66) enfatizam que “... é de prever que um determinado formato organizacional domine a população até o ponto em que alguma mudança no ambiente favoreça a dominação de outras formas, anteriormente mais escassas, porque eram menos ajustadas”, e a esta afirmativa pode-se associar a atual necessidade de empresas que entendam a interface entre ambientalismo e negócios.

Os ecólogos organizacionais buscam esclarecer como algumas variações ambientais comprometem a diversidade de organizações e como estas justificam sua composição mutante ao longo do tempo (BAUM, 1998). Da mesma maneira, considerando a tendência do empreendedorismo sustentável, as mudanças na economia alteraram claramente o comportamento social, produtivo e inovativo das populações,

onde o homem contemporâneo vê-se inserido em transformações vigorosas permeado pela explosão de novos nichos sociais e ambientais que reorientam a atenção de governantes, pesquisadores e empresários.

Essa tendência de mercado ocasionou turbulências ambientais, fazendo com que as organizações planejassem suas estratégias de acordo com o ambiente (LAWRENCE; LORSCH, 1967), intensificando a competição e formando novas populações organizacionais.

O surgimento das populações organizacionais e o conhecimento da floresta (conjunto de organizações) ao invés das árvores (uma organização) são tratados por Esty e Winston (2008) como uma ferramenta para a ecovantagem tendo em vista que o foco apenas nas organizações é considerado, pelos autores, como um dos treze erros que contribuem para a morte das empresas.

Ademais, cabe frisar que as modificações no ambiente afetam o mercado e refletem na forma tradicional de fazer negócios e praticamente todas as empresas, grandes ou pequenas, enfrentarão as consequências dessas variações. Ante tantas pressões, as organizações precisam manter-se a par dos problemas, entender a ciência por trás deles e identificar onde estão os seus impactos na cadeia de valor (ESTY; WINSTON, 2008).

Ainda para Esty e Winston (2008, p. 62), os efeitos dessas mutações nos mercados são impreviáveis gerando riscos e oportunidades, “mas as empresas inteligentes desenvolvem ferramentas para compreender as condições de mercado que enfrentam e sua constante evolução”.

Diante destas posturas cabe retomar a questão: O mercado escolhe os mais adaptados?

Ao partir do pressuposto da intensa exploração de recursos e, conseqüentemente, da sua escassez, já que os mesmos são finitos, o mercado atual preza por empresas que investem na preservação destes recursos e adotam práticas de sustentabilidade. Pode-se notar que os Governos incentivam os empreendimentos que carregam na sua missão objetivos sociais e ambientais, o que corrobora com a teoria de Hannan e Freeman (1977) quando os autores descrevem que as populações favoráveis ao ambiente são selecionadas, retidas e preservadas.

Pode-se, então, responder o questionamento afirmando que os pressupostos da teoria de Darwin apresentam-se também nas relações organização \times mercado, como proposto pela TEO e, traçando um comparativo entre a biologia e o empreendedorismo ressalta-se que o ambiente, através de suas mutações, determina a população que sobreviverá, assim como o mercado indicará aquelas empresas que estejam atendendo as suas exigências para continuarem alcançando vantagem competitiva.

Considerações Finais

Ao articular, o empreendedorismo sustentável e a Teoria da Ecologia Organizacional percebeu-se que os conceitos postulados por Hannan e Freeman (1977) entrelaçam-se com os propósitos das “perspectivas verdes” do mercado.

A apresentação da TEO como teoria organizacional, embasada na seleção natural de Darwin, abriu caminhos para comparações entre ciclos biológicos e estratégias de mercado no intuito da vantagem competitiva e preservação socioambiental.

O conhecimento do ambiente e das necessidades dos *stakeholders* potencializam os níveis de sucesso organizacional e provocam a concorrência entre as organizações que devem entender as exigências do ambiente para permanecerem atuantes.

A competição figura-se no elenco de estratégias voltadas para o entendimento do mercado e na capacidade de responder às mudanças do meio onde ocorre o processo de seleção natural e, conseqüentemente, a sobrevivência de algumas populações e a morte de outras.

O empreendedorismo sustentável é um campo novo de estudo, no qual os lucros devem andar ao lado da melhoria social e ambiental e as empresas mais inteligentes concretizam os ideais da Onda Verde, minimizando riscos, maximizando benefícios e encontrando um lugar no mercado.

Sendo assim, ao analisar as diretrizes da teoria da ecologia organizacional e verificar as bases do empreendedorismo sustentável, pode-se notar que uma das grandes tendências do mercado é o investimento em organizações que priorizam concomitantemente o equilíbrio econômico, social e ambiental, logo, constata-se que o ambiente seleciona aquelas empresas que atribuem os mesmos pesos a essas três dimensões.

Por fim, cabe ressaltar que este ensaio buscou traçar um paralelo entre o empreendedorismo sustentável e a teoria da ecologia organizacional com a finalidade de compreender se o principal argumento do construto de Hannan e Freeman adequa-se à realidade empresarial da ecovantagem discutida ao longo do texto. Sua principal contribuição está na capacidade reflexiva de fazer associações teórico-temáticas singulares para compreender uma determinada possibilidade de análise da realidade, considerando que a forma ensaística é a forma como são incubados novos conhecimentos, até mesmo científicos ou pré-científicos (MENEGHETTI, F. K., 2011, p.323).

A partir das reflexões e associações realizadas neste texto seria oportuna a proposição de estudos empíricos baseados nas premissas e categorias analíticas da TEO em setores empresariais tradicionais e sustentáveis, tentando avaliar a aplicação da seleção ambiental de forma comparativa. Também sugere-se estender o estudo do empreendedorismo sustentável a outras teorias organizacionais, a exemplo da teoria de recursos e institucional, observando não somente a relação em que o ambiente seleciona os mais adaptados, mas também averiguando a capacidade de adaptação das organizações às pressões do ambiente e da sua legitimidade tendo em vista as pressões ambientais.

Espera-se que este artigo contribua para a ampliação do debate teórico e empírico no campo do empreendedorismo sustentável tendo em vista que aborda a possibilidade de associação entre dois temas recentes e ainda pouco explorados.

REFERÊNCIAS

- ALDRICH, Howard. **Organizations evolving**. London: Sage Publications, 1999.
- ASHLEY, Patrícia Almeida; COUTINHO, Renata Buarque; TOMEI, Patrícia Amélia. Responsabilidade social corporativa e cidadania empresarial: uma análise comparativa. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, XXIV, 2010, Florianópolis, SC. **Anais...** Florianópolis, SC, 2000, p. 1-17.
- BAKER, Michael. **The Marketing Book**. Burlington, MA: Butterworth Heinemann, 2003.
- BATAGLIA, Walter; MEIRELLES, Dilmária Silva. Ecologia Populacional e Economia Evolucionária: Rumo a um Modelo Integrativo. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, XXXII, 2008 Rio de Janeiro, RJ. **Anais...** Rio de Janeiro, RJ, 2008, p. 1-15.
- BAUM, Jac. Ecologia Organizacional. In: CLEG, S; HARDY, C; NORD, D. (Org). **Handbook de Estudos Organizacionais**. São Paulo: Atlas, 1998.
- BORGES, Cândido; BORGES, Marcos Martins; FERREIRA, Vicente Rocha Soares; NAJBERJ, Estela; TETE, Marcelo Ferreira. Empreendedorismo sustentável: proposição de uma tipologia e sugestões de pesquisa. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, XXXV, 2010, Rio de Janeiro, RJ, **Anais...**, Rio de Janeiro, RJ, 2010. p. 1-14.
- BOSZCZOWSKI, Ana Karina; TEIXEIRA, Rivanda Meira. O empreendedorismo sustentável e o processo empreendedor: em busca de oportunidades de novos negócios como solução para problemas ambientais e sociais. **Revista Economia e Gestão da PUC Minas**, v. 12, n. 29, p. 141-168, 2012.
- BRITAIN, Jack; WHOLEY, Douglas. Competition and coexistence in organizational communities: Population dynamics in electronics components manufacturing. In: CARROLL, Glenn (Org). **Ecological models of organizations**, Cambridge: Ballinger, 1988.
- CALDAS, Miguel; FACHIN, Roberto. Paradigma funcionalista: desenvolvimento de teorias e institucionalismo nos anos 1980 e 1990. **Revista de Administração de Empresas**, v.5, n. 2, p. 46-51, 2005.
- CALLEGARI, Jeanne. **Empreendedorismo Verde - no novo capitalismo todo mundo sai lucrando: empresas, consumidores e principalmente o planeta**. Vida Simples. 2010. Disponível em: <<http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/desenvolvimento/empreendedorismo-verde-capitalismo-empresas-consumidores-planeta-604804.shtml>>. Acesso em: 15 dez. 2010.
- CAMARGO, Ana Luíza Brasil. **Desenvolvimento sustentável: dimensões e desafios**, Campinas - SP: Papirus, 2003.
- CAMPBELL, Donald. Variation and Selective retention in socio-cultural evolution. In: BARRINGER, H; BLANKSTEN, G; MACK, R. (org.) **Social change in developing areas: a reinterpretation of evolution**

nary theory, p. 19-48. Cambridge, MA: Schenkman, 1965.

CARROLL, Glenn.; HANNAN, Michael. **Density delay in the evolution of organizational population: A model and five empirical tests**, Administrative Science Quarterly, v. 34, n. 3, p. 411-430, 1989.

CARROLL, Glenn; WADE, James. **Density dependence in the evolution of the American brewing industry across different levels of analysis**, Social Science Research, v. 20, n. 3, p. 271-302, 1991.

COHEN, Boyd ;WINN, Monika. Market Imperfections, oportunity and sustainable entrepreneurship. **Jornal of Business Venturing** , v. 22, n. 1, p. 29-49, 2007.

COMMUNITIES, Comission European. Promoting a european framework for corporate social responsibilities. Brussels: COM. **Journal of Business Ethics**, v. 44, n. 5, p. 95-105, 2001.

CUNHA, Miguel Organizações, recursos e a luta pela sobrevivência: análise aos níveis organizacionais e ecológico. **Revista de Administração de Empresas- RAE**, v.3, n. 5, p. 34-47, 2005.

CUNHA, Miguel. Ecologia organizacional: implicações para a gestão e algumas pistas para a superação do seu caráter anti-management. **Revista de Administração de Empresas - RAE**, v. 39, n. 4. p. 21-28, 1999.

DALMORO, Marlon. A visão da sustentabilidade na atividade empreendedora: uma análise a partir de empresas incubadas. **Revista de Gestão Organizacional - RGO**, v. 2, n.1, p. 87-104, 2009.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Anna. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo-SP: Hucitec, 1996.

DIMAGGIO, Paul. The iron cage revisited: Institucional isomorphiism and collective rationality in organizational fields. **American Sociological Review**, v. 48, n. 2, p. 147-160, 1983.

DINIZ, Clarkson. **Isomorfismo nas práticas de gestão ambiental em duas grandes organizações do complexo mínero-siderúrgico do Espírito Santo**. Dissertação de Mestrado. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2003.

DIXON, Sara; CLIFFORD, Anne. Ecopreneurship - a new approach to managing the tripple bottom line. **Journal of Organizational Change Management**, v. 20, n. 3, p. 326-344, 2007.

DONALDSON, Lex. **American anti-management theories of organization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

ESTY, Daniel; WINSTON, Andrew. **O Verde que vale ouro: como empresas inteligentes usam a estratégia ambiental para inovar, criar valor e construir uma vantagem competitiva**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

FENKER, Eloy; FERREIRA, Elaine. Sustentabilidade: economia e ecologia sustentáveis? In: **XXXV ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINIS-**

- TRACÃO, 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2011, p. 2-17.
- FISCHMANN, Adalberto; ZACARELLI, Sergio; LEME, Ruy. A. **Ecologia de Empresas**. São Paulo: Atlas, 1980.
- GARTNER, William. A framework for describing the phenomenon of new venture creation. **Academic of Management Review**, v. 10, n. 4, p. 696-706, 1985.
- HANNAN, Michael T.; FREEMAN, John. The population ecology of organizations. **American Journal of Sociology**. v. 82, n. 5, p. 929-964, 1977.
- HART, Stuart; MILSTEIN, Mark. Creating sustainable value. **Academic of Management Executive**, v. 17 n. 2, p. 56-69, 2003.
- HATCH, Mary J. **Organization theory: modern, symbolic and postmodern perspectives**. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- HOLT, Diane. Where are they now? tracking the longitudinal evolutions of environmental businesses from the 1990s. **Business Strategy and the Environment**, v. 20, n. 4, p. 238-250, 2011.
- HOUBEN, Geert; LENIE, Kwan; VANHOOF, Koen. A knowledge-based SWOT-analysis system as an instrument for strategic planning in small and medium sized enterprises, **Decision Support Systems**. V. 26, n. 2, p. 125-135, 1999.
- ISAAK, Robert. **The making of the ecopreneur**. Green Management International, n. 38, p. 81-91, 2002.
- LEFF, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LOW, Murray; MACMILLAN, Ian. Entrepreneurship: past research and future challenges. **Journal of Management**, v. 14, n. 2, p. 139-161, 1988.
- MAIR, Johanna.; MARTI, Ignasi. Social entrepreneurship research: A source of explanation, prediction and deligth. **Journal of Word Business**, v. 41, n. 1, p. 36-44, 2006.
- MASUREL, Enno. Why SMEs Invest in Environmental Measurs: Sustainability Evidence from mSmall and medium-Sized Printing Firms. **Business Strategy and Environment**, v. 16, n. 3, p. 190-201, 2006.
- MELO NETO, Paulo.; FROES, Cesar. **Empreendedorismo social: a transição para a sociedade sustentável**. Rio de Janeiro, RJ: Qualitymark, 2002.
- MENEGHETTI, Francis, K. O que é um Ensaio-Teórico? **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 2, p. 320-332, 2011.
- MENEZES, Robert. **Destruição Criativa - a contribuição de Schumpeter para o empreendedorismo**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO EM ENGENHARIA – COBENGE. XXXV, 2003,

- Rio de Janeiro, RJ, **Anais...** Rio de Janeiro, RJ, 2003. Disponível em: <<http://www.cdvhs.org.br/oktiva.net/1029/nota/450/>> Acesso em: 23 dez. 2011.
- MOREIRA, Joaquim. **A ética empresarial no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 2002.
- NOHRIA, Nitin; GULATI, Ranjay. **Firms and their environments**. Princeton University Press, 1994.
- PARRISH, Bradley. Sustainability - driven entrepreneurship: principles of organization design. **Journal of Business Venturing**, v. 25, n. 5, p. 510-523, 2009.
- PFEFFER, Jeffrey. Barriers to the advance of organizational science: paradigm development as dependent variable. **Academic of Management Review**, v. 18, n. 4, p. 599-620, 1993.
- ROBALO, Antonio. A ecologia das populações organizacionais. **Revista Portuguesa de Gestão**, v. 3, n. 4, p. 5-14, 1992.
- SANTOS, Tacila. **As diferentes dimensões da sustentabilidade em uma organização civil da sociedade brasileira: o caso GAPA- Bahia**. Dissertação de Mestrado. Salvador- BA: Universidade Federal da Bahia, 2005.
- SAVITZ, Andrew. **A empresa sustentável: o verdadeiro sucesso é o lucro com responsabilidade social e ambiental**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007
- SCHLANGE, Lutz. Stakeholder perception in sustainable entrepreneurship: the role of managerial and organizational cognition. In: Corporate Responsibility Research Conference. First Word SIMPOSIUM ON SUSTAINABLE ENTREPRENEURSHIP . University of Leeds, UK. **Anais...** United Kingdom, UK, 2007.
- SCHULTZ-PEREIRA, Julia; GUIMARÃES, Ricardo. Consciência Verde: uma avaliação das práticas ambientais. **Qualit@s Revista Eletrônica**, v. 8, n. 1, p. 1-11, 2009.
- SCHUMPETER, Joseph. **A teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- SHARPER, Michael. The essence of Ecopreneurship. **Greenleaf Publishing; Environmental Entrepreneurship**, n. 38, p. 26-30, 2002.
- SINGH, Jitendra. Review essay: density dependence theory - current issues, future promise. **American Journal of Sociology**, n. 99, p. 73-464, 1993.
- TAYLOR, David; WALLEY, Liz. **The Green Entrepreneur: Visionary, Maverick or opportunist?** Manchester-UK: Manchester Metropolitan University Business School, 2003.
- TUCKER, David; MEINHARD, Agnes. **Are voluntary social service organizations structurally inert? exploring an assumption in organizational ecology** . Anaheim, CA: Academy of Management Meeting, 1988.

VENKATARAMAN, Sankaran. The Distinctive Domain of entrepreneurship research. In: J. Katz; R. Brockhaus, **Advances in entrepreneurship, firm emergence and growth**. Greenwich, CT: JAI Press, 1997.

YOUNG, William; TILLEY, Fiona. Can sustainable entrepreneurs become the true wealth generators of the future? **Greener Management International**, n. 55, p. 79-93, 2006.